

Uma releitura de *Fontefrida* no teatro de António Prestes¹

Ana Sirgado

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa
anasirgado@fcsh.unl.pt

O romance lírico *Fontefrida* (IGR: 0229) tem sido objeto de uma ampla bibliografia crítica da autoria de alguns dos nomes mais destacados dos estudos da literatura tradicional. Ligado aos primórdios da fixação escrita do romanceiro (Rico, 1990: 3-10), *Fontefrida* integrou o *Cancionero general*, o *Cancioneiro da British Library* e o *Cancionero musical de Palacio*, os mais antigos a coligir manifestações deste género épico-lírico fruto do gosto poético cortesão no tempo dos Reis Católicos. *Fontefrida* e *El prisionero* (IGR: 0078) correspondem, aliás, aos únicos romances líricos tradicionais que mereceram o acolhimento das três coletâneas, de modo autónomo ou em glosa (Beltran, 2016: 63). O *Cancioneiro da British Library* recolhe as glosas da autoria de Carasa e de Tapia, respetivamente «Llorando está el cavallero» e «Andando con triste vida». O *Cancionero general* de Hernando del Castillo (Valencia, 1511) fixa um *corpus* de 38 romances, de que faz parte um conjunto restrito de 6 temas velhos e tradicionais, sucedidos sempre

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto RELIT-Rom, *Revisões literárias: a aplicação criativa de romances antigos* (sécs. XV-XVIII), coordenado por Teresa Araújo como investigadora principal e desenvolvido no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA FCSH), com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian (Programa Língua e Cultura Portuguesa, n.º 207951) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de Portugal (UID/ELT/00657).

por glosas (Beltran, 2016: 56; Botta, 2010: 52-53; Orduna, 1989), e, por isso, à versão de *Fontefrida* sucede a glosa de Tapia, copiosamente divulgada no século XVI (Rodríguez-Moñino, 1973 e 1997). Por último, o *Cancionero musical de Palacio* inclui uma versão polifónica do romance, a mais curta de entre as que conhecemos na tradição antiga (Dumanoir, 2021: 174).

Em Portugal, o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende (Lisboa, 1516) não contempla uma secção dedicada ao género épico-lírico, no entanto, não deixa de refletir o conhecimento do romanceiro por parte da corte e o seu apreço por alguns temas particulares. Os autores coligidos no *Cancioneiro* demonstram-no por meio da utilização de versos romancísticos nas suas composições poéticas e o exame crítico destas menções por Teresa Araújo evidenciou «a estima palaciana pelos romances novelescos, seguida com pouca diferença pelo gosto por temas de referência épica, hispânica e carolíngia» (2015: 41). No entanto, esta coletânea não recolheu qualquer referência a *Fontefrida*, contrastando com a notoriedade que parece expressa nos títulos antes descritos. De facto, e no que respeita à presença na literatura portuguesa, nos *Romances Velhos em Portugal* Carolina Michaëlis de Vasconcelos associa ao tema passagens do *Auto dos Dois Irmãos*, *Auto do Desembargador* e *Auto do Procurador* de António Prestes e no camoniano *Auto dos Enfatriões* (1908: 475-476)². Estas 4 alusões, circunscritas ao teatro, estão distantes da utilização de romances como *Conde Claros preso* (22 engastes), *La bella malmaridada* (21), *El moro que reta a Valencia* (13) ou *Durandarte envía su corazón a Belerma* (11) pelos autores portugueses³, elenco que coincide curiosamente com o dos temas mais frequentes no *Cancioneiro geral*.

Com exceção do *Auto dos Dois Irmãos*, as restantes alusões a *Fontefrida* catalogadas pela filóloga dizem respeito ao mesmo verso deste romance lírico, que merece ser revisitado à luz do novo conhecimento entretanto constituído sobre

² Teófilo Braga também assinalou estas ocorrências. A propósito da alusão na obra de Luís de Camões, afirmou: «e do romance de Fontefrida, parodia o verso: *Malo, falso, enganador*» (1914: 284). Ao realizar o levantamento dos «romances velhos» na produção literária nacional, identifica nas peças de António Prestes a fórmula «falso, malo, enganador».

³ Estes números foram retirados do *Catálogo poético-musical RELIT-Rom*, que oferece a relação atualizada das menções a romances na literatura portuguesa, <<https://relitrom.pt/index.php/base-de-dados>> [último acesso a 08/05/2024].

o tema. Referimo-nos à fórmula da célebre réplica da rola à proposta amorosa do rouxinol: «Vete de ahi enemigo | malo falso enganador», que foi recriada por Luís de Camões no *Auto dos Enfatriões* e por António Prestes no *Auto do Procurador* e no *do Desembargador*, todos impressos na *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas* impressa por Andres Lobato em 1587. Vejamos, primeiro, o contexto desta menção na peça camoniana:

Anfatrião	Não, que nam sou seu senhor eu sou um encantador. Não no dizeis vós assi ladão, perro, enganador (Camões: f. 99 ^o)?
-----------	---

Agora, a respetiva incorporação no *Auto do Procurador*:

Felipa	Raiva te amassaria eu falso, malo, enganador.	
Duarte	Vou-me buscar meu senhor que este dia não é meu qual mercê tal servidor (f. 33 ^o),	875

bem como no *Auto do Desembargador* de António Prestes:

Silvestra	Foi sutil nosso engano. Está dos novos.	
Lionarda	Por certo que está gentil.	1340
Lemos	Falso, malo, enganador por que as enganaste?	
Moço	Eu?	
Silvestra	Por este rosto amor meu que vos risque o meu amor desd'agora (f. 71 ^o).	

A reelaboração que Luís de Camões opera sobre a fórmula em apreço obsta a uma discussão precisa sobre a respetiva fonte, mas o cotejo da variante adotada por

Prestes com os testemunhos antigos do romance revela uma ordem distinta dos dois primeiros elementos deste tríptico na maioria das manifestações da fortuna antiga do tema. Observemos:

- «vete daqui enemigo | falso malo engañador»

Esta variante foi registada no *Cancionero musical de Palacio* (ms. II-1335, Real Biblioteca, Madrid, f. lxxxij^v) e na glosa de Carasa «Llorando está el cavallero» preservada no *Cancioneiro da British Library* (Add. 10431, British Library, Londres, f. 18^r) (Dumanoir, 2021: 178-180).

- «vete day enemigo | malo falso engañador»

A fórmula surge nos poemas fixados no *Cancionero general* de 1511 e nas impressões de 1514, 1520, 1527, 1535, 1540, 1557 e 1573, que registam o romance seguido da glosa de Tapia «Andando con triste vida»; nas várias edições do *Cancionero de romances* (Anvers; Millis, 1550; Anvers, 1550, 1555 e 1568; Lisboa, 1581); no *Cancionero llamado guirnalda esmaltada de galanes eloquentes dezires de diuersos autores* de Fernández de Constantina; na *Primera parte de la Silua de varios romances* de Nájera (Zaragoza, 1550) (Rodríguez-Moñino, 1973: II, 517); no *Cartapacio de Pedro del Pozo* (E-41-6952, Real Academia Española, Madrid, f. 25^v) (Dumanoir, 2021: 176-177).

Os seguintes folhetos de cordel inscrevem a mesma forma no que respeita a *Fontefrida: Romance de rosa fresca con la glosa de Pinar y otros muchos romances* (García de Enterría, 1975: n.º 11; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 1038); *Aqui comiença ciertos romances cõ glosas y sin ellas y este primero es del cõde Claros cõ la glosa de Frãscisco de leõ. Otro romãce de Lope de sosa cõtrahaziendo este del cõde cõ vn villãcico y su glosa. Otro romãce que dice. Fonte frida fonte frida. Otro romãce que dize. Maldita seas ventura: cõ su glosa. Con otro romãce Pide campo vn cauallero con despecho de su amiga. Otro romãce cõtrahaziendo al de digas me tu el hermitaño* (Pliegos Praga, 1960: n.º 7; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 654) e *Romance de rosa fresca con la glosa de Pinar y otros muchos romances* (Pliegos Praga, 1960: II, n.º 75; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 1039).

O Libro en el cual se contienen cinquenta romances con sus villancicos y desechas. Entre los quales ay muchos dellos nueuamente añadidos: que nunca en estas tierras se han oydo (Rodríguez-Moñino, 1962: n.º 4; Rodríguez-Moñino,

1997: n.º 936) e um folheto fragmentário (Rodríguez-Moñino, 1962: n.º 32 e 1997: 1170) apresentam esta variante, mas coligem apenas o romance; o *Espejo de enamorados. Guirlanda esmaltada de galanes y eloquentes dezires de diuersos autores* (García de Enterría, 1975: n.º 14; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 870) e a *Segunda parte del Cancionero General* de 1552 também e imprimem somente a glosa de Tapia (Rodríguez-Moñino, 1973: II, 310).

- «vete de ay enemigo | malo falso mal traydor»

Aparece em três folhetos de cordel já enunciados no ponto anterior pelo testemunho que dão de *Fontefrida*. Nestes, a glosa de Tapia «Andando con triste vida» que sucede o romance regista a mesma formulação discursiva nos dois momentos em que a rola se dirige nestes termos ao rouxinol: *Romance de rosa fresca con la glosa de Pinar y otros muchos romances* (García de Enterría, 1975: n.º 11; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 1038); *Aqui comiença ciertos romances cõ glosas y sin ellas y este primero es del cõde Claros cõ la glosa de Frâncisco de leõ. Otro romãce de Lope de sosa cõtihaziendo este del cõde cõ vn villãcico y su glosa. Otro romãce que dice. Fonte frida fonte frida. Otro romãce que dize. Maldita seas ventura: cõ su glosa. Con otro romãce Pide campo vn cauallero con despecho de su amiga. Otro romãce cõtihaziendo al de digas me tu el hermitaño* (Pliego Praga, 1960: n.º 7; Rodríguez-Moñino, n.º 654) e *Romance de rosa fresca con la glosa de Pinar y otros muchos romances* (Pliegos Praga, 1960: II, n.º 75; Rodríguez-Moñino, 1997: n.º 1039).

O manuscrito 17994, à guarda da Biblioteca Nacional de España, encontra-se truncado e não apresenta o romance, surgindo apenas a parte final da glosa de Tapia (Mariano e García, 1997: 28). Conhecendo as distintas fixações antigas deste poema, colocam-se em princípio duas hipóteses. Ou a segunda condenação da rola reproduz a estrutura da primeira substituindo «engañador» por «mal traydor» e, portanto, a glosa apresentaria o verso «malo falso enganador» (Mariano e García, 1997: 34) ou a replica discursivamente e incluiria, assim, a variante «malo falso mal traydor». Embora bastante mais tardio, encerramos este elenco com o manuscrito oitocentista à guarda da mesma Biblioteca, ms. 3724, que regista a variante «vete de ahi, enemigo, | malo y falso, enganador» (f. 158').

Este cotejo mostra a coincidência da forma utilizada por António Prestes com o testemunho deste romance no *Cancionero musical de Palacio* e na glosa

de Carasa «Llorando está el cavallero», fixada no *Cancioneiro da British Library*. Carolina Michaëlis de Vasconcelos já o havia notado (1908: 476) e o conhecimento constituído até hoje graças a múltiplas descobertas no campo do romanceiro antigo não tornou obsoleta a afirmação da filóloga. Dona Carolina declara na mesma ocasião que a variante «não é arbitraria» (1908: 476), apontando, por um lado, para a discrepância da opção de António Prestes relativamente à forma do verso mais divulgada e parecendo assinalar, por outro, que a variante incorporada no *Auto do Desembargador* e no *do Procurador* não seria apenas produto do labor criativo do autor português. Além do mais, estes testemunhos antigos representam, como se sabe, provas da notoriedade do tema, por corresponderem a uma versão musicada e a uma glosa, e teriam sido antecidos por uma circulação tradicional de *Fontefrida*. Eugenio Asensio defendeu, ao referir-se aos obstáculos em definir a respetiva origem, que: «Lo único que podemos asegurar es que, cuando por primera vez nos sale al paso, ya está folclorizado, es decir, ha absorbido las mañas y maneras, el vocabulario y estilo del romancero tradicional. Cuando Carasa y Tapia lo glosan, ya es *viejo*» (1970: 251), conforme adiantaram igualmente os investigadores referidos no início deste texto a propósito da inclusão do tema no *Cancionero general*. Assim, é possível que Prestes tenha conhecido uma versão tradicional ou musicada do romance.

Depois de sinalizar as hipotéticas fontes romancísticas destes intertextos dramáticos, impõe-se retomar outra questão fundamental sobre a qual os estudiosos se têm debruçado: a relação do romance com a lírica. Não esquecendo os importantes contributos de Eugenio Asensio (1970) e Francisco Rico (1990) para o apuramento da génese e história de *Fontefrida*, centremos a atenção no verso que aqui nos ocupa. Giuseppe Di Stefano sublinhou o carácter formulaico de «malo, falso, engañador», contrariando Ruth Webber (1951: 268), e o facto de ser partilhado por manifestações de ambos os géneros (1993: 196, nota 7). No seu *Nuevo corpus de la antigua lírica popular* (2003), Margit Frenk elencou as ocorrências da série de atributos em composições líricas, entre as quais merecem destaque pelo menos dois casos.

O primeiro foi citado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos em nota de rodapé às menções a *Fontefrida* nos *Romances Velhos* (1908: 476-477, nota; Frenk, 2003: n.º 639) e corresponde ao verso de uma «Cantiga velha», de que Camões partiu para compor «Voltas propias» impressas na edição das *Rimas* de 1595:

Apartaraõse os meus olhos
de mim tão longe,
falsos amores
falsos maos enganadores
(Camões, 1595: f. 161^v).

O facto de a filóloga separar esta referência das obras literárias já elencadas e a remeter para uma observação complementar em rodapé mostra a distinção clara que estabelece entre o romanceiro – e particularmente *Fontefrida* – e o universo da lírica. O segundo exemplo apresenta a ocorrência da enumeração destes adjetivos no singular, à semelhança do que acontece no romance, e é citado no vilancico da autoria de Salazar, o ermitão, «Desposósete tu amiga, Juan pastor» (Frenk, 2003: n.º 667bis):

60 –¿Qué dirás de su camino
 quando la fueren lleuando?
 –Cantaréle el tanborino
 un cantar, aunque llorando.
 «Casadica y por casar»,
 de çisne será el cantar.
65 –¿Y el tenor?
 –«Engañado me as, amor,
 falso, malo, enganador»
 (Labrador, 1986: 244).

Deste modo, perante as menções ao romance *Fontefrida* catalogadas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos nos *Romances Velhos em Portugal*, ponto de partida do presente estudo, faz sentido perguntarmo-nos se Luís de Camões e António Prestes aludem ao romance quando recorrem a esta sucessão de atributos ou se, pelo contrário, teria sido o conhecimento da lírica a ditar a utilização do verso «falso, malo, enganador». Como mostram as voltas que compôs à «cantiga velha», Luís de Camões conhecia pelo menos uma das variantes da fórmula lírica. O domínio do romanceiro por parte do vate português encontra-se também sobejamente provado (Araújo, 2011; Vasconcelos, 1980). No que toca ao *Auto dos Enfatriões*, a recriação camoniana não nos concede muitas pistas acerca da hipotética fonte do intertexto, uma vez que os dois primeiros predicados deste agravo foram reelaborados pelo autor. É necessário, portanto, regressar ao contexto da presença

da fórmula na peça para avaliar a relação do intertexto dramático com *Fontefrida*. No *Auto dos Enfatriões*, Júpiter toma a forma do protagonista que dá título à obra de modo a ocupar o seu lugar junto da esposa Alcmena, por quem está enamorado. Mercúrio, por sua vez, substitui o criado de Anfitrião, Sósia, para ajudar o pai a alcançar o objetivo. O enredo desenvolve-se, por isso, em torno de enganos perpetrados com um intento amoroso e o ardil montado por Júpiter promove-o à condição de traidor do rouxinol do romance. É Anfitrião quem acusa Jove de ser «ladrão, perro, enganador», mas o *Auto* louva também o caráter, a fidelidade e a constância amorosa de Alcmena. Estas qualidades são, aliás, o pressuposto da necessidade de Júpiter adotar o estratagema central ao enredo.

No caso de António Prestes, a situação afigura-se distinta. Como vimos, a fórmula utilizada pelo dramaturgo coincide com a variante discursiva presente em dois testemunhos antigos de *Fontefrida*. Um destes testemunhos corresponde ao poema fixado no *Cancionero musical de Palacio*. No *Auto do Desembargador*, conforme sublinhou Rita Marnoto, António Prestes recorre a um extenso *corpus* de versos da tradição peninsular, trabalhando com materiais prévios genologicamente diversos (2017: 13-15). A presença do romanceiro nesta peça sobressai pela relação com a música, sem que, porém, seja feita uma referência explícita ao canto ou à execução musical de qualquer um dos temas pelas personagens do *Auto*. De facto, encontramos 7 menções a romances, dos quais 6 foram fixados em antigos livros de música e cancioneiros (além de *Fontefrida*, *A las armas*, *Moriscote* (IGR: 0060), *Conde Claros preso* (IGR: 0366), *Mira Nero de Tarpeya* (IGR: 0397), *Conde Alarcos* (IGR: 0503) e *La bella malmaridada* (IGR: 0281)⁴. Resta ainda a alusão a *El moro que reta a Valencia* (IGR: 0045), romance que, apesar de não surgir em qualquer das coleções antigas de música conhecidas, é cantado por um judeu na vicentina *Farsa da Lusitânia* (1532), já sobejamente estudado (Catalán, 1969; Di Stefano, 1967; Ferré, 1987, 2003 e 2018⁵). Por sua vez, no *Auto do Procurador*, o dramaturgo recorreu a elementos de *Ay de mi Alhama* (IGR: 0040), *Conde Claros preso* (IGR: 0366) e *La bella malmaridada* (IGR: 0281), registados em fontes musicais, e a *Gaiferos y Galván* (IGR: 0087) que integra a famosa lista de cantigas enumeradas pela Ama

⁴ O *Catálogo poético-musical* RELIT-Rom disponibiliza aos utilizadores os dados relevantes acerca das versões musicadas antigas destes romances, entre os quais se encontram, por exemplo, as respetivas transcrições modernas, <<https://relitrom.pt/index.php/base-de-dados>> [último acesso a 08/05/2024].

⁵ Cf. as páginas 26-35 do estudo de Teresa Araújo «A emergência do português no romanceiro antigo e o testemunho da Crónica de D. João I» neste volume.

na vicentina *Comédia de Rubena* (Araújo, 2004). Esta relação com a música faz parte do substrato e também por isso, e para que as menções cumpram o seu desígnio, percebemos a familiaridade que o auditório tinha com este *corpus*.

Quanto à funcionalidade da menção a *Fontefrida*, no *Auto do Desembargador* o intuito do dramaturgo não se limita naturalmente apenas à ofensa dirigida ao Moço. O paralelismo estabelecido entre a peça e o romance contempla uma proposta de amor desleal de uma figura masculina e a resposta da personagem feminina a esta sedução. Se, em *Fontefrida*, a rola enjeita a proposta amorosa do rouxinol, no *Auto* de António Prestes, duas personagens femininas, Lionarda e Silvestra, aceitam participar numa lúdica requisição de amores, respondendo afirmativa e repetidamente aos avanços da figura masculina. Acabam ambas enganadas e Prestes concretiza, deste modo, uma inversão paródica que contrasta a fidelidade da protagonista do romance com a ingenuidade de Lionarda e Silvestra.

Além destes argumentos, um outro aspeto fundamental – e que tem de ser examinado em conjunto com os efeitos da presença da fórmula nas duas peças anteriores – aponta para o conhecimento que António Prestes teria de *Fontefrida*, isto é, a referência presente no *Auto dos Dois Irmãos*, também incluída no catálogo de Carolina Michaëlis (1908: 474-475). Nesta obra, o dramaturgo parafraseia o tema lírico numa passagem metateatral dedicada a refletir sobre a substância que deveria caracterizar os autos de Natal. Vejamos a comparação dos elementos do romance presentes neste excerto com os poemas antigos que contêm a fórmula utilizada no *Auto do Desembargador* e no *do Procurador*.

Auto dos Dois Irmãos, António Prestes

Oh, e vós quereis-me com ãa só filomena fazer Verão. Ora contar-vos-ei a esse prepósito: chegando ãa vez um castelhano pobre a certas pessoas que estavam em roda e pedindo-lhe esmola falou-lhe um só deles e disse-lhe que Deos o ajudasse. Respondeu ele: cuerpo de Dios, tenéis vos la bolsa de todos? Assi digo eu por essoutro, tinha ele o gosto de todos pera todos serem esse? Autos de Natal, não falo nos de teatro, que esses hão de ser senado romano, mas os de Natal, em que pes'a quem os faz, hão de ser bons, hão de ter letra que esmeche, feguras que escachem, entremezes, passos novos alagados em riso, sisos por saudade, por fio de mel. **Se não fazei autos a rolas veúvas que não ríem nem põe pé em ramo verde, nem bebem água crara** e tudo são parióme mi madre nuna noche escura (f. 74^v).

Versão de *Fontefrida* do *Cancionero musical de Palacio*

[...]

**si no es la tortolilla,
qu'está sola y sin amor.**

[...]

–¡vete d'aquí enemigo,
Falso, malo, engañador,
que oy á siete años
que perdí mi buen amor,
que non poso em rramo verde
ni en árbol que tenga flor.

**Si el agua clara fallo,
turbia la bebo yo**

(Dumanoir, 2021: 174).

Versão de *Fontefrida* contida na glosa de Carasa

[...]

**si no es la tortolica,
que está bibda y con dolor**

[...]

nunca posa en rramo verde,
ni en prado que tenga flor.

[...]

**y el agua qu'ella bevía,
turvia la hallava yo.**

[...]

«¡Váyaste de ay, cruel,
falso, malo, engañador!»

(Dumanoir, 2021: 178-180).

Esta leitura revela que nenhum dos dois poemas inclui todos os elementos do texto dramático relativo a *Fontefrida*. De facto, ainda que a natureza da paráfrase narrativa presente no *Auto dos Dois Irmãos* aproxime esta passagem da terceira pessoa do narrador que profere os versos romancísticos transmitidos pela glosa de Carasa, falta a esta versão a «água crara» que a rola descarta, por ser símbolo do prazer e da vivência primaveril do amor. No caso do *Cancionero musical de Palacio*, a protagonista do romance não é explicitamente «veúva», mas «sola», muito embora se infira o seu estado do discurso subsequente: «que oy á siete años | perdí mi buen amor». Por isso, o conhecimento que António Prestes tem de *Fontefrida* parece mais próximo da versão divulgada pelo *Cancionero musical de Palacio*. Neste sentido, a conexão dos restantes intertextos das peças analisadas com a música sugere que o dramaturgo poderia conhecer uma versão do romance que circulasse neste suporte.

Esta possibilidade parte do resultado do exame crítico às referências inventariadas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos e do reconhecimento da alusão ao romance *Fontefrida* que foi discutido. Em primeiro lugar, baseia-se na análise da função e dos efeitos da utilização da fórmula «falso, malo, engañador» no *Auto do Desembargador*. António Prestes maneja com mestria o romanceiro antigo e, por isso, camufla o artifício criativo. Estejamos nós perante referências mais ou menos veladas,

a concretização do efeito paródico almejado nestas peças dependia da identificação dos intertextos por parte do público, como sabemos. O dramaturgo domina este *corpus* e sabe que o público também será capaz de os reconhecer. Depois, a leitura do *Auto dos Dois Irmãos* constitui mais uma prova do conhecimento do romance por parte de Prestes e permite refinar o estudo do verso anterior.

A outra questão que se impõe seria a de ponderar se o recurso do dramaturgo a *Fontefrida* assentaria numa versão tradicional do romance, por oposição a uma hipotética fonte impressa ou culta, uma vez que o confronto dos elementos do tema lírico que nos chegam pela mão do dramaturgo com os testemunhos do século XVI hoje preservados não explica na totalidade a forma que podemos reconstituir. Não obstante, relaciona-se de modo muito próximo com as fixações mais antigas do romance. Segundo Eugenio Asensio, a versão glosada por Carasa seria a «mais primitiva» (1970: 251) e a circulação tradicional antiga de *Fontefrida* foi já afirmada por diversos investigadores, embora o romance permaneça, conforme o apelidou Asensio, «misterioso» (1970: 232). A memória coletiva portuguesa também não o conservou (*Arquivo do Romanceiro em Português*).

O exame global da produção literária de António Prestes e da utilização criativa que o autor faz do romanceiro e de materiais de outros géneros pode iluminar futuramente alguns aspetos relacionados com as fontes dos intertextos presentes na obra do dramaturgo e confirmar a hipótese que este estudo nos sugere de que Prestes manejaria versões tradicionais de romances.

Bibliografia

- ARAÚJO, Teresa (2004), «O sentido de algumas evocações vicentinas a romances velhos», em *Portugal e Espanha: Diálogos e Reflexos Literários*, Faro - Lisboa, Centro de Estudos Linguísticos e Literários - Instituto de Estudos Sobre o Romanceiro Velho e Tradicional, 11-65.
- ARAÚJO, Teresa (2011), «Alusões epistolares camonianas ao romanceiro velho», em M. Calderón *et al.* (org.), *Por s'entender bem a letra. Homenagem a Stephen Reckert*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 725-736.
- ARAÚJO, Teresa (2015), «Compor com romances», em Pere Ferré, Pedro M. Piñero e Ana Valenciano (coords.), *Miscelánea de estudios sobre el romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*, Sevilla, Universidad de Sevilla, CIAC - Universidade do Algarve, 37-53.

ARQUIVO DO ROMANCEIRO EM PORTUGUÊS, <https://arquivo.romanceiro.pt>, consultado, pela última vez, a 12/06/2024.

ASENSIO, Eugenio (1970), «*Fonte Frida* o encuentro del romance con la canción de mayo», em *Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*, Madrid, Gredos [1.ª edição, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. 8, n.º 4 (1954), 365-388. <https://doi.org/10.24201/nrfh.v8i4.319>.

ASENSIO, Eugenio (1974), «Gil Vicente y las cantigas paralelísticas “restauradas”. ¿Folclore o poesía original?», *Estudios portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português.

BATAILLON, Marcel (1953), «La tortolica de *Fontefrida* y del *Cántico espiritual*», *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. 7, n.ºs 1-2, 291-306. <https://doi.org/10.24201/nrfh.v7i1/2.316>.

BELTRAN, Vicenç (2016), *El romancero: de la oralidad al canon*, Kassel, Reichenberger.

BOTTA, Patrizia (2010), «Los romances trovadorescos del *Cancionero de Castillo*. Un crisol de Romancero y Cancionero», em José Manuel Fradejas Rueda, Déborah Dietrick Smithbauer, Demetrio Martín Sanz e M.ª Jesús Díez Garretas (eds.), *Actas del XIII Congreso Internacional Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. In Memoriam Alan Deyermond, tomo I, Valladolid, Universidad de Valladolid, 41-66.

BRAGA, Teófilo (1914), *Historia da litteratura portugueza. II. Renascença*, Porto, Livraria Chardron.

CAMÕES, Luís de, *Auto dos Enfatições*, Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line], www.cet-e-quinheiros.com, consultado pela última vez a 15/10/2023.

CAMÕES, Luís de (1595), *Rhythmas de Lvis de Camoes. Diuididas em cinco partes. Dirigidas ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho. Impressas com licença do Supremo Conselho da geral Inquisição, & Ordinario*. Em Lisboa, Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. LXXXV. A custa de Esteuão Lopez mercador de libros, disponível em <http://purl.pt/14880>, consultado em 20/10/2023.

CAMPA, Mariano de la e GARCÍA BARBA, Belinda (1997), «Versiones medievales inéditas de varios romances en un Romancerillo manuscrito fragmentario», *Medievalia*, n.º 25, 26-42.

CATALÁN, Diego (1969), *Siete siglos de romancero*, Madrid, Gredos.

DI STEFANO, Giuseppe (1967), «Popolarismo e stilizzazione: il sarto gradasso di Gil Vicente», em *Sincronia e diacronia nel Romanzero (un esempio di lettura)*, Pisa, Università di Pisa, 91-100.

- DI STEFANO, Giuseppe (ed.) (1993), *Romancero*, Madrid, Taurus.
- DUMANOIR, Virginie (ed.) (2021), *Romancero cortés manuscrito*, Josep Lluís Martos (coord.), Alicante, Universitat d'Alacant («Cancionero, Romancero e Imprenta», 4).
- FERRÉ, Pere (1987), «O Romanceiro entre os cristãos-novos portugueses», *Separata dos Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, 2.^a Série, vol. I, 145-175.
- FERRÉ, Pere (2003), «Breves notas sobre el teatro de Anrique da Mota y Gil Vicente», em Maria Leonor Machado de Sousa et al. (org.), *Em Louvor da Linguagem – Homenagem M. Leonor Buescu*, Lisboa, Edições Colibri, 97-109.
- FERRÉ, Pere (2018), «Gil Vicente e a cultura popular», em José Augusto Cardoso Bernardes e José Camões (coords.), *Gil Vicente. Compêndio*, Coimbra - Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra - INCM, 86-122.
- FRENK, Margit (2003), *Nuevo corpus de la antigua lírica popular hispánica, siglos xv a xvi*, México, Universidad Nacional Autónoma - El Colegio de México - Fondo de Cultura Económica.
- GARCÍA DE ENTERRÍA, María Cruz (ed.) (1975), *Pliegos poéticos españoles de la Biblioteca Nacional de Viena*, Madrid, Joyas Bibliográficas.
- LABRADOR: *CANCIONERO DE POESÍAS VARIAS (MANUSCRITO NO 617 DE LA BIBLIOTECA REAL DE MADRID)* (1986), José J. Labrador, C. Ángel Zorita y Ralph A. Di Franco (eds.), Madrid, El Crotalón.
- MARNOTO, Rita (2017), «Linguagem teatral e cómico. O teatro chão do século XVI», em Michela Graziani e Salomé Vuelta García (eds.), *Incontri poetici e teatrali fra Italia e Penisola Iberica*, Firenze, Leo S. Olschki, 3-19.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1957), *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí). Teoría e historia*, 2 vols., Madrid, Espasa-Calpe.
- ORDUNA, Germán (1989), «La sección de romances del *Cancionero general* (Valencia 1511): recepción cortesana del romancero tradicional», em Alan Deyermond e Ian Macpherson (eds.), *The Age of the Catholic Monarchs, 1474-1516. Literary Studies in Memory of Keith Whinnom*, Liverpool, Univ. Press, 123-133.
- PLIEGOS PRAGA: *PLIEGOS POÉTICOS ESPAÑOLES EN LA UNIVERSIDAD DE PRAGA* (1960), 2 vols., Madrid, Joyas Bibliográficas.
- PRESTES, António, *Auto do Desembargador*, Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line], www.cet-e-quinhetos.com, consultado pela última vez a 18/11/2023.

PRESTES, António, *Auto do Procurador*, Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line], www.cet-e-quinheiros.com, consultado pela última vez a 18/11/2023.

PRIMEIRA PARTE DOS AVTOS E COMEDIAS PORTVGVESAS FEITAS POR ANTONIO PRESTES, & por Luis de Camões, & por outros Autores Portugueses, cujos nomes vão nos principios de suas obras. Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Afonso Lopez, moço da Capella de sua Magestade, & a sua custa (1587), Andres Lobato Impressor de Liuros, disponível em <https://purl.pt/23692>, consultado em 20/10/2023.

RELIT-ROM, REVISÕES LITERÁRIAS: A APLICAÇÃO CRIATIVA DE ROMANCES ANTIGOS (SÉCS. XV-XVIII), <https://reli-trom.pt>, consultado pela última vez a 08/05/2024].

RICO, Francisco (1990), «Sobre los orígenes de Fontefrida y el primer romancero trovadoresco», *Texto y contextos: estudios sobre la poesía española del siglo xv*, Barcelona, Crítica, 1-32.

RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (1962), *Los pliegos poéticos de la colección del Marqués de Morbecq (Siglo XVI). Edición en facsimil precedida por un estudio bibliográfico*, Madrid, Estudios Bibliográficos.

RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (1973), *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (Siglo XVI)*, Arthur L-F. Askins (coord.), 2 vols., Madrid, Editorial Castalia.

RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (1997), *Nuevo diccionario bibliográfico de pliegos sueltos poéticos (Siglo XVI)*, Arthur L-F. Askins y Víctor Infantes (eds.), Madrid, Castalia.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1908), «Estudos sobre o Romanceiro peninsular. Romances velhos em Portugal», *Cultura española*, n.º 10, 435-512.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1980), *Estudos Sobre o Romanceiro Peninsular. Romances Velhos em Portugal*, Porto, Lello & Irmão – Editores (publicado, pela primeira vez, sob o título «Estudos sobre o Romanceiro peninsular. Romances velhos em Portugal», *Cultura española*, n.º 7 (1907), 767-803; n.º 8 (1907), 1021-1057; n.º 9 (1908), 93-132; n.º 10 (1908), 435-512; n.º 11 (1908), 717-758; n.º 14 (1909), 434-483; n.º 15 (1909), 697-732).

WEBBER, Ruth House (1951), *Formulistic Diction in the Spanish Ballad*, Berkeley - Los Angeles, University of California Press.